



DISCUSSÕES ACERCA DA LITERATURA NO CONTO “A
BIBLIOTECA DE BABEL”, DE JORGE LUIS BORGES

*Discussions about literature in the short story “The library of Babel”, by
Jorge Luis Borges*

*Geniane Diamante Ferreiraⁱ
Universidade Estadual de Maringá*

Resumo: Este artigo analisa como a literatura e a realidade são representados no conto “A Biblioteca de Babel”, de Jorge Luis Borges. O artigo traz alguns temas que podem ser discutidos tomando como base o conto ora sob estudo. Faz-se, então, uma análise de como a literatura (sua produção e recepção) está ligada à realidade principalmente sob a perspectiva dos estudos de Umberto Eco que fala de como Borges, apesar da escrita conservadora, inova no campo do significado (das ideias) trazendo reflexões que conduzem a horizontes impensados.

Palavras-chave: Literatura, Jorge Luis Borges, “A Biblioteca de Babel”.

Abstract: This article analyzes how literature and reality are represented in the short story “The Library of Babel”, by Jorge Luis Borges. The article presents some themes that can be discussed based on the short story under study. An analysis is made of how literature (its production and reception) is linked to reality, especially from the perspective of Umberto Eco's studies, which speaks of how, despite conservative writing, Borges innovates in the field of meaning (ideas) bringing reflections that lead to unthought horizons.

Keywords: Literature, Jorge Luis Borges, “The Library of Babel”

Introdução

Jorge Luis Borges (1899-1986) foi um escritor, tradutor e crítico literário argentino. Recebeu muitos prêmios e suas obras foram traduzidas e publicadas nos Estados Unidos e em vários países da Europa. Seus livros mais famosos são “Ficções” (1944) e “O Aleph” (1949). O texto ora sob estudo é o conto “A Biblioteca de Babel” presente na obra “Ficções” e aborda temas comuns na escrita de Borges: labirintos, a ideia do infinito, do duplo, da verdade contraposta à ficção, escritores e livros fictícios.

O autor do conto afirma: “Sim, é verdade, eu não tenho nenhuma

certeza, nem a certeza da incerteza. Então, eu acho que todo pensamento é... bom, conjectural, especialmente no caso do conto” (BORGES, 2009, p. 189).

Neste conto ele trata de uma biblioteca praticamente infinita, composta de incontáveis hexágonos - dispostos em também incontáveis andares. “A cada um dos muros de cada hexágono correspondem cinco prateleiras; cada prateleira contém trinta e dois livros de formato uniforme; cada livro tem quatrocentas e dez páginas; cada página, quarenta linhas; cada linha, umas oitenta letras de cor negra” (BORGES, 2007, p. 70).

O narrador é um bibliotecário praticamente cego que conduz o leitor por esta confusa e misteriosa biblioteca. Os livros não apresentam uma ordem, pelo menos aparente, e são sobre diversos assuntos e em diferentes línguas, algumas incompreensíveis. Também não há um livro igual a outro, embora a diferença possa ser apenas um caractere.

Seus habitantes procuram um (ou ‘o’) significado para a existência da biblioteca, a ordem e conteúdo dos livros. Também tentam encontrar (se é que ele existe) o livro que deu origem a todos os outros.

Neste trabalho pretendemos discutir acerca da literatura contraposta à realidade em “A Biblioteca de Babel”. Entretanto, é interessante notar como o mesmo conto tem servido de base para muitos estudos em diversos campos do saber. Desde discussões sobre língua, debates sobre o hipertexto, a circulação de informação na sociedade e o conhecimento em geral até matemática (principalmente no tocante à análise combinatória). Vejamos, em seguida, alguns exemplos.

Concernente à língua, podemos citar o trabalho de N. Evans e H. Sasse – “Searching for meaning in the Library of Babel: field semantics and problems of digital archiving” – que, usando textos selecionados, se dedicam a pesquisar sobre

A assimetria do signo linguístico [...], as dificuldades envolvidas em examinar parte do processo de registro, análise e tradução [...], problemas de interpretação [...], nem o problema da interpretação e do comentário, nem a solução de empregar o hipertexto, é exclusivo da nossa era [...], reunir estes

vários tópicos retornando à questão de como isto deveria formar nossa prática na aquisição linguística.

the asymmetry of the linguistic sign [...], the difficulties involved by examining part of the process of recording, analysing and translating [...], problems of interpretation [...], that neither the problem of interpretation and commentary, nor the solution of employing hypertext, is exclusive to our era [...], draw together these various threads by returning to the question of how this should shape our practice in linguistic archiving.

Acerca do hipertexto, destacamos o ensaio “A Biblioteca de Babel e a Árvore do Conhecimento”, de Moisés Lemos Martins, que afirma que

sobre os cacos de Babel e a memória do Jardim do Éden, a biblioteca figurada por Borges fazia já adivinhar a biblioteca universal hipertextual, que a digitalização e as telecomunicações tornam hoje possível. Universal porque a biblioteca é virtual de todos os documentos guardados em todas as bibliotecas do mundo, e a rede espalha-a [...] (MARTINS, p. 236, 1998)

68

Quanto ao modo como a informação circula na sociedade, o artigo “A Biblioteca Universal na Sociedade de Informação”, de António Fidalgo, configura-se como um texto interessante. O autor discute como, em virtude das bibliotecas estarem se tornando cada vez mais virtuais, devido à digitalização das obras, o leitor obtém conhecimento hoje. Ele tem à sua disposição um número incalculável de textos, dos clássicos aos mais contemporâneos, à qualquer momento. Segundo o autor, com a quantidade de obras e horas alargadas, chegamos próximo da biblioteca universal descrita por Borges. Fidalgo afirma que hoje o mundo pode ser considerado, de fato, uma grande biblioteca e estamos, então, vivendo *nela*, assim como no conto.

Já o livro “The Unimaginable Mathematics of Borges’ Library of Babel”, de William G. Bloch, trata de aspectos matemáticos como análise combinatória, topologia e geometria baseado no conto de Borges.

Por fim, quando se fala em análise da literatura em si, ora objeto de estudo, há muitos trabalhos e interpretações deste conto de Borges. É o que discutiremos aqui.

A Literatura e a Biblioteca de Babel

No tocante à literatura em si, muitos estudos mostram que os autores tratam do tema de que a literatura e o mundo se confundem, já que temos que decifrar o universo, assim como fazemos com os códigos linguísticos. Consequentemente, discutem também a relação da sociedade com a escrita e a busca do conhecimento (representado por todos os livros que contêm todas as informações já registradas), ou da Verdade absoluta (o livro original, o catálogo dos catálogos, ou o Homem do Livro): “Em alguma prateleira de algum hexágono (pensaram os homens) deve existir um livro que seja a chave e o compêndio perfeito *de todos os demais*: algum bibliotecário o percorreu e é análogo a um deus” (BORGES, 2007, p. 76).

Construída como uma espécie labirinto, percebemos que o objetivo é o centro, ou sua origem. Entretanto, o objetivo se torna móvel devido à multiplicidade de pontos de vista. O que temos é apenas o do narrador, que, cego, traz incertezas.

Logo de início, o título alude a um paradoxo: a Biblioteca sugere ordem e periodicidade enquanto Babel, o caos. É sobre tal contradição que podemos ver vários aspectos do conto. Desta forma, assim como na Biblioteca/mundo do conto, não encontramos significado em tudo o que existe, e muitos enlouquecem tentando atribuir sentido a todas as coisas.

Tal contradição aparece de várias formas no texto: o tempo é ao mesmo tempo cíclico (como os meses e estações do ano) e linear (como os acontecimentos históricos), a Biblioteca é finita e infinita, ilimitada e periódica e, com isso, as pessoas ficam ao mesmo tempo alegres (por ter toda a informação do mundo disponível) e tristes (pois sabem que é quase impossível acessá-la); assim como a morte nos traz o horror e ao mesmo tempo a energia para viver.

Ao fazer isso, Borges relativiza as certezas e coloca caos e ordem lado a lado (uma Biblioteca, mas em Babel): uma desordem que se repete está em uma determinada ordem.

Que haja algo de cosmos ainda que seja essencialmente o caos. Como pode acontecer com o universo, claro: não sabemos se é um cosmo ou um caos. Mas muitas coisa indicam que é um cosmos: temos as diversas idades do homem, os hábitos das estrelas, o crescimento das plantas, as estações, as diversas gerações também. Portanto, alguma ordem existe, mas uma ordem... com bastante pudor, bastante secreta, sim (BORGES, 2009, p.43).

Essa simultaneidade do heterogêneo é tema típico da obra do autor. É a subversão por meio de inusitadas aproximações, tornando o mundo em que vivemos menos 'automático'.

A própria ideia do infinito versus finito é questionada, pois se é infinita, qual a razão dos espelhos? Para que uma falsa multiplicação? A Biblioteca é, ao mesmo tempo, ilimitada e periódica. De forma semelhante, isso é visto até mesmo na descrição do tempo: tudo leva séculos, e às vezes para ações simples. Além disso, por ser considerada eterna pelo narrador, não podemos afirmar que haja uma teoria final que entenda a Biblioteca, pois as teorias são provisórias (sendo refutadas mais tarde) ou parciais (sendo ampliadas). Enfim, tudo o que se diz sobre a Biblioteca (ou sobre o universo) é relativo.

Assim, vemos que a língua, assim como a literatura e o próprio mundo são muitas vezes incompreensíveis e a busca por sentido pode levar à frustração: “à desmedida esperança, sucedeu, como é natural, uma depressão excessiva” (BORGES, 2007, p. 75).

A Biblioteca de Babel criada por Borges gera muito mais perguntas que respostas, ainda que toda a informação existente esteja nela: “A Biblioteca é total e todas as usa prateleiras registram todas as possíveis combinações dos vinte e tantos símbolos ortográficos [...], ou seja, tudo que é dado a se expressar: em todos os idiomas” (BORGES, 2007, p. 73).

Lefebve (1980) afirma que a literatura “abre-se sobre a totalidade do mundo, mas o que ela visa não é uma explicação: será, antes, uma tomada de consciência relativamente ao próprio ser das coisas: uma *interrogação*” (p. 121). Sim, a literatura contempla muitas vezes a dúvida, o desconhecido; ela é mesmo uma honesta interrogação e talvez esteja aí, também, muito da sua preciosidade. “A certeza de que tudo está escrito nos anula ou faz de nós fantasmas. Conheço distritos em que os jovens se prosternam diante dos livros e beijam com barbárie as páginas, mas não sabem decifrar uma única letra” (BORGES, 2007, p. 78). A Biblioteca, assim como a realidade, é, muitas vezes, inenarrável. Deste modo, o conto é, de certa forma, uma narrativa sobre as possibilidades da língua e da literatura.

Neste sentido, usamos as palavras de Guimarães Rosa, em “Tutaméia”, “o livro pode valer pelo muito que nele não deveu caber” (2001, p. 40); e as de Clarice Lispector, em “A Paixão Segundo G.H.”, “Eu tenho à medida que designo - e esse é o esplendor de se ter uma linguagem. Mas eu tenho muito mais à medida que não consigo designar” (1998, p.176).

A busca pela verdade da Biblioteca, assim como no mundo, leva a atos extremos: inquisidores, seitas, autoridades queimando livros ‘inúteis’. (BORGES, 2007, p. 74-5). No entanto, a destruição é infinitesimal se comparada à extensão da Biblioteca, ou seja, tanto construir quanto destruir sentido parecem ser ações inúteis; talvez uma metáfora da prisão/condição humana.

De qualquer forma, é muito interessante notar que quem conduz o leitor para dirimir algumas dúvidas e conhecer e entender a Biblioteca é o narrador – um bibliotecário ironicamente quase cego – que usa como que os fios de Ariadne para tal direcionamento.

Assim como o conto de Borges ora sob tela, a história dos fios de Ariadne têm servido como base para estudos em diversos campos: na matemática, principalmente o que tange a criação de algoritmos, além de métodos de pesquisa, e, é claro, da filosofia e literatura.

Trata-se do mito grego da lenda de Ariadne, princesa de Creta, que

se apaixona por Teseu, sendo este enviado a Creta como sacrifício ao Minotauro, habitante do labirinto muito bem projetado por Dédalo. Quem nele entrasse, não conseguiria mais sair e seria devorado pelo Minotauro. Contudo, o Oráculo de Delfos disse a Teseu que poderia desvendar a saída do labirinto se ajudado pelo amor.

Ariadne, por sua vez, disse que o ajudaria. Teseu, não vendo outra possibilidade, aceitou, embora não correspondesse o amor que Ariadne nutria por ele. Assim, ela lhe entregou uma espada e um fio de lã que ela ficaria segurando em uma das pontas para que ele achasse a saída. Embora Teseu tenha saído vitorioso, por fim, Ariadne e Teseu não se casam, como ela havia pedido, e ela se torna esposa de Dionísio.

Hoje, como dissemos, a história da linha de Ariadne e Teseu é usada para descrever a resolução de um problema de lógica, um dilema ético, entre outras situações em que haja várias possibilidades a serem escolhidas.

Quanto a este estudo, podemos dizer que o narrador de “A Biblioteca de Babel” usa o método de Ariadne para conduzir o leitor. Embora a Biblioteca seja infinita (ou praticamente infinita) e haja incontáveis galerias hexagonais, ele direciona o leitor com uma explicação quase didática de como ela é construída e de como funciona.

A partir da classificação de Genette, Aguiar e Silva apresenta uma classificação do narrador. Em “A Biblioteca de Babel”, o narrador autodiegético (aquele que é co-referencial com o protagonista) descreve a Biblioteca e como ela funciona em primeira pessoa: “Como todos os homens da Biblioteca, viajei em minha mocidade; peregrinei em busca de um livro, talvez o catálogo dos catálogos; agora que meus olhos quase não podem decifrar o que escrevo, preparo-me para morrer a umas poucas léguas do hexágono que nasci” (BORGES, 2007, p. 70).

Entretanto, o que é muito significativo é que no texto aparece uma Nota do Editor (BORGES, 2007, p. 71), o que dá a entender que o conto também faz parte da Biblioteca e que outro escritor editou o texto que ora se lê. Isso dá, novamente, a ideia do infinito, pois o narrador teve seu texto

revisado e/ou traduzido por outrem, que também pode ter recebido revisão de outro e assim por diante. “[...] eu prefiro sonhar que as superfícies polidas figuram e prometem o infinito...” (BORGES, 2007, p. 69).

Por outro lado, segundo Umberto Eco, Borges, diferentemente de Joyce, “não colocou a linguagem em crise” (2003, p. 107), uma vez que seu texto tem estrutura conservadora. Entretanto, ele trabalha, sim, com experimentalismo linguístico, mas no plano do significado, (e não do significante, como Joyce), “jogando com as ideias, levando, portanto, as palavras a tocar novos e impensados horizontes” (2003, p. 108).

Assim, a questão de tratar do infinito, entre outros assuntos delirantes, e colocar isso também na forma de narrar faz com o leitor alcance mesmo “impensados horizontes”.

Umberto Eco (1932-2016), como vimos, foi leitor de Borges e chega a dizer que, sem ter lido este autor, não teria sido capaz de escrever seu livro mais famoso, “O Nome da Rosa”. Nele, Eco homenageia Borges com uma personagem chamada Jorge de Burgos, que é cego, assim como Borges foi se tornando, e, além disso, a biblioteca que serve como pano de fundo é inspirada naquela do conto “A Biblioteca de Babel”.

Em seu livro “Sobre a Literatura”, Eco dedica uma boa parte para discutir a escrita de Borges. Contrapondo a biblioteca de Cervantes e a de Borges, ele diz que a primeira é uma biblioteca da qual se sai, enquanto a segunda não. Segundo ele, Borges “decidiu que sua biblioteca era como o universo – e compreende-se, portanto, por que não mais sentiu a necessidade de sair de lá” (p. 101).

Além disso, a Biblioteca de Borges, diferente de tantas outras descritas na literatura, é infinita e, mais que isso, não tem sequer um livro igual ao outro e ainda tem todas as combinações possíveis de 25 caracteres, em todas as línguas. Tais combinações nos remetem ao teorema do macaco datilógrafo (ou do macaco infinito) que estabelece que se colocarmos um macaco imortal diante de uma máquina de escrever e o macaco teclar aleatoriamente por um tempo infinito, todas as obras já existentes seriam

escritas. Na verdade, trata-se de uma metáfora para algo que produza infinitamente uma sequência aleatória de letras.

Tendo isso feito, a criação final (após todas as combinações possíveis) seria o próprio mundo (ou mundos) possível: “A idéia da Biblioteca de Babel uniu-se desde então àquela igualmente vertiginosa da pluralidade dos Mundos Possíveis, e a fantasia de Borges foi inspirar, em parte, o cálculo formal da lógica modal”. Neste sentido, a Biblioteca de Borges “assemelha-se curiosamente à biblioteca de Dom Quixote, que era a biblioteca de histórias impossíveis que se desenrolam em mundos possíveis, nos quais o leitor via *diluir-se o sentidos entre ficção e realidade*” (ECO, 2003, p. 106, grifos nossos).

Esta questão do limite tênue entre realidade e ficção também foi discutida por Antonio Candido. Justificar o romance como literatura de imaginação é tratado por ele em seu livro “A Educação pela Noite”. É muito interessante a história que ele conta do cômico François Langlois – Facan – que, em 1926, escreveu um pequeno livro que, usando da dialética, pretendia “condenar um gênero suspeito, e assim tranquilizar as autoridades, mas em seguida reabilitá-lo, sob pretexto de oferecer a contrapartida lógica da argumentação” (CANDIDO, 2003, p. 92).

Para “condenar o gênero suspeito”, Facan afirma que “o real é mais importante que o fictício, além disso, seria moralmente melhor” (CANDIDO, 2003, p. 94); já para “reabilitá-lo” ele sabiamente defende que o romance é um remédio camuflado e que “assim como o médico doura a pílula ou esconde a lanceta na esponja, o romancista enrola a verdade na fantasia; e nos dois casos o engano é para o nosso bem. Por outras palavras, a mentira pode ser às vezes um auxiliar da verdade, e isto a justifica” (CANDIDO, 2003, p. 97).

Assim, a Biblioteca de Babel descrita por Borges também ultrapassa os limites da realidade e fantasia, uma vez que ela é o próprio mundo do qual não se pode sair. Vejamos que no próprio título do livro no qual se encontra o conto temos uma confusão entre o real e o imaginário: “Ficções”,

mas que são narradas como fatos. Apesar de a narrativa ser estruturada, a história leva ao inefável, não há exatamente um enredo, porque a linguagem não consegue abarcar todas as questões levantadas. A intriga não é o aspecto principal da narrativa, mas o mergulho no abismo da Biblioteca, ou das experiências incomunicáveis.

O próprio Borges coloca isso como um axioma: “a Biblioteca existe *ab aeterno*. Dessa verdade cujo corolário imediato é a eternidade futura do mundo, nenhuma mente razoável pode duvidar” (BORGES, 2007, p. 71).

Não só a literatura, mas o próprio ato de escrever é às vezes incompreensível: “As obras literárias nos convidam à liberdade de interpretação, pois propõem um discurso com muitos planos de leitura e nos colocam diante das ambiguidades e da linguagem e da vida” (ECO, 2003, p.12), ou seja, “Falar é incorrer em tautologias” (BORGES, 2007, p. 77).

Desta forma, diante de tantas ambiguidades vemos que o mundo, assim como a literatura é de difícil compreensão e classificação, o que faz com que o leitor seja, de certo modo, a personagem principal em busca de tal compreensão: “O verdadeiro herói da Biblioteca de Babel não é a própria Biblioteca, mas o seu Leitor, novo Dom Quixote, móvel, aventureiro, incansavelmente inventivo, alquimicamente combinatório, capaz de dominar os moinhos de vento que faz rodar ao infinito” (ECO, 2003, p. 111). Nas palavras do próprio Borges, “milhares de cobiçosos abandonaram o doce hexágono natal e se lançaram escadas acima, instados pelo *vão* propósito de encontrar sua Vindicação” (BORGES, 2007, p. 74, grifo nosso).

Segundo Costa Lima (1980), “Em Borges, literatura e realidade estreitam seus laços e dizer de uma é falar da outra” (p. 237). Ocorre que sob este aspecto conseguimos conferir características do universo a um grupo de palavras.

Esta concepção do infinito colocada por Borges – tanto do mundo, figurado pela extensão da Biblioteca, quanto das ideias, ou da literatura, figurado pela quantidade de livros contida nela – nos leva a pensar que “os livros falam entre si” (ECO, 2003, p. 116). Se eles coexistem não podemos

deixar de pensar que eles se influenciam.

Fala-se muito, em relação à última forma do experimentalismo contemporâneo, o pós modernismo, de jogo da intertextualidade. Mas Borges superou a intertextualidade para antecipar a era da hipertextualidade, na qual não somente um livro fala do outro, mas também se pode, do interior de um livro, penetrar em outro. ECO, 2003, p. 111).

Por várias páginas do capítulo “Borges e a Minha Angústia da Influência” (que por já no título traz uma trama em si, visto que a expressão ‘angústia da influência’ é o título de um texto de Harold Bloom) Eco mostra exemplos destas ‘inter-influências’ entre diversos autores – incluindo o próprio Eco. Mas é interessante notar que, ao fim, ele de certa forma conclui: “Por vezes a influência mais profunda é aquela que se descobre depois, não aquela que se descobre imediatamente” (ECO, 2003, p. 125). Ou seja, há temas comuns em determinados períodos porque os autores estão sob a mesma realidade.

Assim, a realidade é sempre tema para a literatura, então não há como dizer que elas não se interpenetram, pois é “*O universo (que outros chamam a Biblioteca) [...]*” (BORGES, 2007, p. 69, grifos nossos). Ao representar o mundo como uma Biblioteca, Borges une o mundo e a arte, sendo, deste modo, indissociáveis, como na verdade o são.

Considerações finais

Nas palavras de Eco, “Borges é um autor que falou de tudo. Não se pode apontar na história da cultura um tema sobre o qual Borges não tenha se detido, mesmo que apenas por um momento” (ECO, 2003, p. 122). Em “A Biblioteca de Babel”, no entanto, ele, de certo modo, abordou todos os temas do mundo e o próprio mundo que os contém. Na verdade, neste conto ele apaga o limite entre a literatura e a realidade e faz com que os dois se tornem um; às vezes conseguimos distingui-los, ainda que juntos, às

vezes não.

Como dissemos, há vários temas que podem ser discutidos a partir da Biblioteca criada por Borges; como vimos, até a matemática (que parece estar totalmente oposta à literatura). Mas não. O exato e o inexacto estão juntos no mundo assim como na Biblioteca e os assuntos que dela emanam e mesmo a própria forma infinita com que é construída. Ao ler, tateamos (como o narrador propositadamente quase cego) um caminho para responder a interrogação do mundo e da literatura.

A própria língua e o ato de escrever são postos à prova: são muitas vezes incompreensíveis. Assim como no texto, o significado, com seu “elemento atômico”, leva sempre a uma ideia, ou a outro significado. Assim como a Biblioteca, o próprio conto (tendo sido editado) e o universo tendem ao infinito.

“A espécie humana – a única – está em vias de extinção e a Biblioteca perdurará: iluminada, solitária, infinita, perfeitamente imóvel, armada de volumes preciosos, inútil, incorruptível, secreta” (BORGES, 2007, p. 78). Eis a vida humana representada pela busca por sua compreensão, mas não importa descobrir, mas especular, conjecturar.

77

Referências

AGUIAR E SILVA, V. M. **Teoria da Literatura**. 8^a. ed. Coimbra: Almedina, 1988.

BLOCH, William Goldbloom. **The unimaginable mathematics of Borges' Library of Babel**. Oxford University Press, 2008.

BORGES, Jorge Luis. FERRARI, Osvaldo. **Sobre Sonhos e outros Diálogos**. São Paulo: Hedra, 2009.

BORGES, Jorge Luis. **Ficções**. Trad. Davi Arrigucci Jr. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

CANDIDO, A. **A Educação pela Noite**. 3^a. ed. São Paulo: Ática, 2003.

COSTA LIMA, Luis. **Mímesis e Modernidade: formas das sombras**. Rio de Janeiro: Graal, 1980.

ECO, Umberto. **Sobre a Literatura**. Trad. Eliana Aguiar. Rio de Janeiro: Record, 2003.

EVANS, Nicholas; SASSE, Hans-Jürgen. **Searching for meaning in the Library of Babel: field semantics and problems of digital archiving**. Disponível em: https://ses.library.usyd.edu.au/bitstream/2123/1509/1/EvansSasse_paper_rev1.pdf. Acesso em 10.02.2017

FIDALGO, António. "A Biblioteca Universal na Sociedade de Informação. **Universidade da Beira Interior**, < <http://ubista.ubi.pt/>>[08/07/1999] e **Revista Comunicação e Linguagens**, v. 25, p. 281-288, 1999. Acesso em 10.02.2017

GUIMARÃES ROSA, J. **Tutaméia**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.

LEFEBVE, Maurice-Jean. **Estrutura do Discurso da Poesia e da Narrativa**. Coimbra: Almedina, 1980.

LISPECTOR, C. **A paixão segundo G. H.** Rio de Janeiro: Rocco, 1998.

MARTINS, Moisés de Lemos. A biblioteca de Babel e a árvore do conhecimento. **O escritor**, n. 11-12, p. 235-240, 1998.

TEIXEIRA, Heurisgleides Sousa. **Concepções de tempo e memória em Jorge Luís Borges: uma análise dos contos "Funes, el memorioso" e "La biblioteca de Babel"**. 2010. Tese de Doutorado. Dissertação de Mestrado-Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB), Vitória da Conquista.

ⁱ E-mail da autora: geniane.ferreira@uol.com.br